

BERND, Zilá. *Américanité et mobilités transculturelles*. Québec: Les Presses de l'Université Laval, 2009 (Collection Américana, dirigée par Jean-François Côté), 166p.

Nubia Jacques Hanciau



A fascinante viagem pela floresta dos mitos e a densidade simbólica inscrita nos textos literários americanos fornecem as chaves para penetrar os imaginários coletivos de nossas Américas. Este livro é um convite para essa viagem.

Zilá Bernd

No final dos anos 1970 e a partir da década seguinte, Brasil e Canadá, países até então distantes,

aprofundam suas relações no campo cultural, especialmente depois que a AUPELF (Association des universités partiellement ou entièrement de langue française) obteve do Ministério das Relações Exteriores do Canadá a possibilidade de enviar a Salvador (1979) Maximilien Laroche e Jean-Claude Gémard para participarem do Congresso Brasileiro de Professores de Francês, e depois da realização do Congresso Mundial da Fédération internationale de professeurs de français (FIPF), no Rio de Janeiro (1980). Inicia-se então o projeto *Trois semaines au Québec*, iniciativa do Ministério das Relações Internacionais daquela província, em colaboração com a Universidade Laval. Em 1991 nasce a Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), que tem origem no estabelecimento dos primeiros Núcleos de Estudos Canadenses

no Brasil, em geral vinculados a instituições de ensino superior. Esses NECs congregam pesquisadores e professores brasileiros, constituindo-se em polos de aproximação, acolhida e divulgação dos Estudos Canadenses. O histórico dessas iniciativas, o trânsito de pesquisadores dos dois países, desde então em constante e profícua parceria, as mobilidades das culturas do norte e do sul das Américas, as questões teóricas centradas no processo de transculturação que engloba as migrações, exílio, diáspora, mestiçagem, hibridação, homogeneização e variantes, têm sido relatados pela pesquisadora Zilá Bernd em sua prática e reflexão teórica. A soma de sua rica e reconhecida experiência de três décadas de trocas e parcerias no plano da cultura e da literatura comparada encontra-se em múltiplas publicações (anais, artigos, livros, resenhas, revistas), que agora a autora condensa e sintetiza em *Américanité et mobilités transculturelles* (2009), versão em francês, resultado da aproximação entre Brasil e Canadá que Z. Bernd empreendeu de forma exemplar, a ponto de neste ano ter sido contemplada em Quebec, no âmbito da reunião anual do Conselho Internacional de Estudos Canadenses, com o prestigioso Prix International du Gouverneur Général en études canadiennes, prêmio destinado a canadianistas

reconhecidos pelo seu conhecimento e contribuição ao desenvolvimento dos estudos canadenses. Autora e organizadora de *Américanité et mobilités transculturelles*, profissional vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e ao Centro Universitário La Salle, Z. Bernd reúne nesta coletânea quatro grandes temas que giram em torno da americanidade e das mobilidades transculturais, que seguem a Introdução. São eles: 1. Reflexões teóricas; 2. Leituras transversais das literaturas das Américas; 3. As Américas míticas, e 4. As Américas: nascimento e morte das utopias. São ensaios críticos que retomam e atualizam textos publicados e apresentados integralmente ou em parte, em francês ou português, redigidos entre 2002 e 2008. O leitor francófono encontrará ao final os temas de eleição da autora relacionados em “Nota explicativa” (p. 155-156), seguidos de uma lista dos autores de ficção analisados (p. 157) e de nota biobibliográfica da autora (159-160). Encerra as cento e sessenta e seis páginas de *Américanité et mobilités transculturelles* uma bibliografia geral a respeito dos tópicos focalizados: mobilidade cultural, americanidade, transcultura e transculturalismos. A publicação, objeto de excelente e criteriosa tradução para o francês, cuja revisão coube a Pascal

Riendeau, além do objetivo primeiro de colocar à disposição dos leitores de língua francesa material não raras vezes de difícil consulta, vai muito além, pois consegue estabelecer um belo e instigante painel do pensamento teórico, ficcional e crítico do Canadá contemporâneo. Na apresentação, de saída Z. Bernd esclarece: suas reflexões teóricas deram lugar às leituras transversais, entrecruzando teóricos brasileiros e canadenses que abordam os paradigmas da continuidade em relação às culturas européias e reconfiguram sua escrita levando em conta tanto a memória longa do patrimônio cultural europeu quanto a diversidade dos elementos culturais originários das Américas. Na primeira página ela já aponta a indispensável “cumplicidade intelectual” que mantém com colegas brasileiras ou radicadas no Brasil (Eurídice Figueiredo, Irlemar Chiampi, Leyla Perrone-Moisés, Maria Bernadette V. Porto, Aimée Bolaños) e notadamente com canadenses ou radicados no Canadá (Maximilien Laroche, Bernard Andrès, Simon Harel, Walter Moser, Wlad Gozich), ao longo de trinta anos de trocas, publicações coletivas, colóquios, diferentes equipes de pesquisa, animação de férteis debates transculturais, em ambos os países. O resultado está em *Américanité et mobilités transculturelles*, cole-

tânea de artigos em forma de ensaios-depoimentos. O leitor se depara ainda com ampla reflexão a respeito do lugar e do papel do(a) escritor(a) em um tempo marcado pela globalização e pelo desenvolvimento, época, mais do que nunca, em que as fronteiras identitárias, tal como foram concebidas originalmente no século XIX, correm o risco de desaparecer. Os textos, em meio à turbulenta polifonia que caracteriza a pós-modernidade, falam igualmente a respeito da identidade da nação, do(a) escritor(a) e seu trânsito; discutem o transcultural no entre-lugar da escritura, espaço sempre povoado de múltiplas, ancestrais e contemporâneas vozes, responsáveis pela configuração da literatura como expressão híbrida que se constitui, invariavelmente, na consideração da diferença. Quanto à questão da americanidade, tema fulcral da obra, e os problemas que as Américas enfrentaram para se exprimir na língua do outro (colonizador), bem como para fabricar seus processos de autonomização literária a despeito da força hegemônica das matrizes européias, Z. Bernd lembra que cada território elaborou respostas e soluções, por meio de estratégias que, ao mesmo tempo, se aproximam e diferem. Segundo ela, é fascinante o estudo comparado dessas estratégias de mestiçagem e hibridação

que têm o objetivo de criar espaços de habitabilidade no continente, pois fundam um lugar de enunciação que se pode considerar propriamente americano. Se as políticas do multiculturalismo e do interculturalismo correspondem a políticas integracionistas do Estado e se revelam insuficientes para organizar as culturas neste início de século dominado por situação de crescente trânsito entre as culturas, o transculturalismo, devido às mobilidades culturais contidas no título e na perspectiva deste livro – ligado sobretudo a objetivos intelectuais de interpretação das tensões entre culturas americanas diversas e aos diferentes estatutos –, parece ser o conceito mais bem adaptado à realidade da condição pós-moderna. “Nele observam-se efetivamente trocas, perdas e benefícios quanto às passagens de uma cultura a outra, bem como a criação de produtos culturais outros, que carregam as marcas indelévels das culturas de origem e chegada” (Bernd, 2009: 4). Fulvio Caccia, ao introduzir no Quebec a noção da transcultura ou transculturação quando da criação da revista *Vice Versa*, já chamava a atenção para as significações diferentes que o termo comporta, retendo a que remonta a Fernando Ortiz, responsável pelo neologismo criado em 1940, significando “a

síntese”, retomada por Z. Bernd para melhor traduzir a brutal superposição de culturas que caracteriza a América, cuja mestiçagem é a própria essência. Para Caccia, poeta e ensaísta florentino – como Z. Bernd, interessado pelo futuro das identidades em contexto de imigração –, desde o começo da colônia a sociedade deste continente é transcultural: as grandes migrações nos moldaram aos ameríndios, em primeiro lugar, depois aos europeus, e mais tarde nos transformaram mais ainda, com o afluxo dos imigrantes. Esse entrecruzamento étnico pode ter sido o fermento de uma fantástica experiência, do modelo ao mesmo tempo político e cultural na base da transformação que ultrapassa o território quebequense, anunciando uma autêntica república “americana”. Nela, cada um dialoga e troca com o outro na diferença comum, complementar. Em seu livro *La république métis*, Caccia já dizia: “A transcultura pode ser esse momento de passagem quando a escolha que impõe a realidade não é mais vivida como perda, mas como plenitude, tornando possível assim uma maneira inédita de pensar a americanidade. Essa americanidade seria ao mesmo tempo tomada como ruptura e continuidade da Europa, conjugando sua dupla identi-

dade” (1997: 133). O *trans* – associado a ultrapassagem – preside essas mobilidades e a composição dos termos do título de *Américanité et mobilités transculturelles*, carregando a ideia de ir além na travessia de territórios outrora interditos (Bernd, 2008)<sup>1</sup>. Ao lançar indagações a respeito das noções de extraterritorialidade, intercultura, desterro, desenraizamento, ambivalência, vistas como categorias indispensáveis à compreensão e dimensionamento da produção nas Américas transculturais, pela própria natureza de seu objeto de investigação, Z. Bernd não foge à discussão a respeito da questão da identidade, do país e, consequentemente, da literatura nele produzida. Esses conceitos, ao serem colocados em perspectiva, carregam a ideia subjacente deste livro: a de propor projetos de políticas culturais e literárias para as Américas e, ao mesmo tempo, analisar a incidência das transferências culturais e dos processos decorrentes que se refletem nas identidades nacionais. Encerra-se a leitura de *Américanité et mobilités transculturelles* com a leitura da contracapa, onde está escrito: “A migração

dos mitos e os processos de transferências culturais no contexto das Américas são respostas eficazes às situações de dominação e representam um esforço de afirmação e de questionamento identitários. A perspectiva comparatista empregada neste ensaio contribui a desvelar os interiores do Novo Mundo e a dinamizar as relações transversais nas Américas. Privilegiar a análise dos imaginários coletivos à luz das mobilidades transculturais e dos fenômenos de criouliização, que articularam as práticas e os discursos da americanidade, pode ser a chave para a integração do diverso e da relação nos estudos americanistas, canadenses e quebequenses”. Em paralelo à recorrência do debate sobre a questão da americanidade, tema que a quase totalidade dos ensaios persegue em tempos de pós-colonialismo, a autora aponta para a ruptura de conceitos ancestralmente aceitos e referendados no âmbito das práticas culturais, em um movimento que, ao recusar o homogêneo, investe no reconhecimento da diferença e da polifonia como marcas definidoras do discurso contemporâneo. Nessa perspectiva, o conjunto de ensaios que integra *Américanité et mobilités transculturelles* transcende as fronteiras do Brasil e do Canadá, contribuindo, também, para o enriquecimento do debate em

<sup>1</sup> Na contribuição à apresentação da *Interfaces Brasil/Canadá* n. 8 (p. 7) e na alocação proferida durante o “Colóquio Internacional Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais” (UFRGS, Porto Alegre, 2008).

torno de questões relevantes para a compreensão da escrita literária hoje. Ensaio tão interessante quanto um romance, no entender de Maximilien Laroche, este livro vai de uma latitude a outra no que concerne ao aspecto teórico da questão do comparatismo “transamericano”, neologismo que esse precursor haitiano, residente em Quebec, emprega

ao salientar o enfoque prático da obra: a análise de alguns romances, a ilustração do ensaio por meio do *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas* (2007), o breve contexto histórico que aponta para a origem dos diversos trabalhos teóricos e práticos de comparação das literaturas e culturas das Américas.

\*\*\*